



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

NAS REDES QUE FORMAM A EDUCAÇÃO, SABERES E NARRATIVAS DE MULHERES: RELIGIOSIDADES TECENDO APRENDIZAGENS

Rafael Nóbrega Araújo (1); Thiago Acácio Raposo (1); Túlio Carlos Silva Antunes(2);
Patrícia Cristina de Aragão Araújo(1)

Universidade Estadual da Paraíba – rafaelnobregaraujo@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba – thiagoraposo20@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba – tulioantunees@hotmail.com

Doutora em Educação Universidade Estadual da Paraíba – cristina-21@hotmail.com

Resumo: As mulheres nas tessituras da vida cotidiana elaboram, com base nas suas experienciais sociais e culturais, múltiplas visões de mundo e da realidade social, interpretando diferentes modos de perceber o contexto vivido, criando redes de saberes, entre os quais, as redes religiosas, que formam e educam a partir dos lugares de pertencimentos, que as mulheres atuam. Tais saberes contribuem para dialogar com o campo da educação, com base nas representações femininas. Este artigo tem por objetivo discutir sobre as questões religiosas nas percepções femininas, a partir do universo de suas vivências, apresentando tais conhecimentos como educativos e importantes de serem discutidos em contextos educacionais, entre os quais a escola. A escola ainda desconhece e não recebe os conhecimentos da vida cotidiana no campo religioso e estes são significativos para refletir sobre a diversidade religiosa que faz parte do espaço social e escolar. Nossa proposta faz parte de pesquisa realizada no PIBIC/CNPq/UEPB, no qual trabalhamos com mulheres de diferentes realidades religiosas, com base em suas práticas e memórias. Trata-se de uma pesquisa com história oral, com base em entrevistas semiestruturadas, na captação das narrativas femininas sobre as contextualidades religiosas. Compreendemos a partir da pesquisa realizada que, os conhecimentos produzidos pelas mulheres em diferentes espaços de religiosidade, contribuem para a escola na aprendizagem dos alunos/as, pois nelas, são elaboradas maneiras de perceber as religiosidades que compõem o espaço do social. Estas discussões devem fazer parte das políticas educacionais e das práticas de sala de aula, como meio de inclusão/inserção no ambiente escolarizado.

Palavras-chave: Mulheres, Religiosidade, Educação, Escola, Aprendizagem.

INTRODUÇÃO



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O presente artigo é resultado de pesquisa em iniciação científica PIBIC/CNPq/UEPB na qual trabalhamos em torno dos saberes, desenvolvidos por mulheres em diversos espaços de religiosidades tomando por base suas práticas e os seus relatos de memória. A pesquisa procurou averiguar de que modo essas mulheres constroem suas identidades femininas a partir do seu pertencimento religioso, e de que modo elas estão educando a partir dos diferentes espaços de religiosidade.

Entendemos que a escola ainda desconhece e não recepciona os saberes advindos da vida cotidiana, no que tange ao conhecimento religioso, sendo estes muito importantes no sentido de discutir e promover a diversidade, uma vez que esse espaço se constitui como importante espaço de debate e os saberes advindos da prática cotidiana dessas mulheres em seus múltiplos espaços de religiosidade constituem um importante aspecto no processo de ensino-aprendizagem.

Neste sentido, nos propomos a uma discussão em que seja possível unir os saberes advindos da experiência cotidiana destes sujeitos sociais a partir do seu espaço de pertencimento religioso em diálogo com o processo educativo, trazendo os saberes empíricos de modo a promover o debate voltado para a diversidade no ambiente escolar, uma vez que os saberes advindos das práticas religiosas também pertencem ao espaço social e tem a capacidade de promover a discussão de políticas educacionais voltadas para a sala de aula.

A discussão se encaminha de modo que se faça notabilizar de que maneira a partir das suas experiências de vida e de seus espaços de pertencimento religioso essas mulheres estão produzindo um saber e estão educando, e que este saber produzido por estas mulheres pode e deve ser inserido dentro das políticas educacionais. O mundo contemporâneo está cada vez mais marcado pelo entrecruzamento de culturas, ao passo que presenciamos uma globalização e com ela uma diluição das fronteiras, vemos também o fortalecimento das identidades locais/regionais, bem como um arraigamento dessas identidades. As religiões não fogem a este processo, num mundo em que as diferenças religiosas têm cada vez mais se entrelaçando, e tem-se criado um abismo entre o respeito à diversidade em detrimento à violência e a intolerância religiosa, é preciso suscitar espaços de debate em que seja possível ter diálogos



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

com os saberes advindos da prática cotidiana na propositura de um conhecimento voltado para o ambiente escolar.

Assim, a discussão se divide em dois pontos, num primeiro momento apresentamos o percurso teórico da pesquisa utilizado na proposição da pesquisa, para logo em seguida tratarmos de maneira breve e sucinta os resultados obtidos ao longo da pesquisa, comentando e analisando as entrevistas captadas.

METODOLOGIA

Partimos nesta pesquisa de uma análise qualitativa dos dados de tipo etnográfico, articulada à uma pesquisa de cunho bibliográfico, cuja abordagem metodológica se centra nos estudos em História oral, cuja técnica utilizada no decurso da pesquisa foi temática a partir de questionários semiestruturados.

Nossos estudos em História oral se encaminham embasados nos comentários e discussões propostas por Lucília Delgado (2010), cuja pesquisa nos permitiu embasamento teórico-metodológico para abordar o tema e para analisar as fontes.

Ressaltamos aqui a importância de se trabalhar com a História oral, uma vez que a abertura teórico-metodológica do século XX possibilitou uma maior abrangência de fontes e como consequência ampliou e aumentou os objetos de análise do historiador, sendo assim, entendemos que a memória individual dos sujeitos sociais podem ser uma fonte de análise às quais o historiador pode recorrer para (re)construir o passado, uma vez que as memórias individuais são partes constituintes da memória coletiva e através delas é possível ter uma visão dos acontecimentos passados.

Destacamos assim uma passagem de Delgado (2010), em que a autora destaca a importância de se trabalhar com História oral, uma vez que:

Por meio dos relatos e experiências familiares, de crônicas que registram o cotidiano, de tradições, de histórias contadas através de gerações e inúmeras formas de narrativa, constrói-se a memória de um tempo que antecedeu ao da vida de uma pessoa. Ultrapassa-se o tempo presente e o homem mergulha no seu passado ancestral. (DELGADO, 2010, p. 40-41).



Trabalhar com a memória, os relatos de vida, através da História oral de mulheres pertencentes à múltiplos espaços de religiosidade, nos permite uma visão privilegiada para compreendermos as suas práticas e os seus saberes a partir de sua identidade cultural. Tendo em vista os seus relatos de vida, e por se tratar na sua maioria de mulheres de mais idade, as colaboradoras de nossa pesquisa gozam de uma vida experimentada de práticas e saberes cotidianos, consideramos, neste sentido, a sua significativa contribuição para pensar os saberes escolares através de suas práticas de vida voltados para uma educação plural e diversa.

Religião(ões): práticas e identidades na modernidade

O mundo moderno promoveu mudanças no “ritmo” da vida das organizações humanas, e com a religião não tem sido diferente. Vivemos em tempos que dispensam a presença física de um sacerdote para fazer a intermediação entre o plano material e o plano espiritual, através de uma televisão um sacerdote pode “benzer” um copo d’água que está na sua casa, mesmo estando à quilômetros de distância. (SILVA; GOMES, 2012).

Com base nos dados do último censo de 2010 do IBGE¹, pode-se perceber a expressividade numérica que a religião possui em nossa sociedade, com relação aos censos anteriores a população pertencente à religião católica diminuiu enquanto a população protestante aumentou, é uma importante ferramenta para o conhecimento histórico averiguar as transformações provocadas pela religião na nossa sociedade, sobretudo, um conhecimento voltado para a educação. Com frequência somos tomados por notícias de intolerância ou violência religiosa, nas mídias temos notícias da Paixão de Cristo em Nova Jerusalém, ou da lavagem das escadarias da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, a religião constitui um importante aspecto da vida cotidiana e compõe um elemento fundamental do âmbito social.

O entrecruzamento de culturas provocados pela modernidade tem inúmeras consequências, sejam elas positivas ou negativas, e no que tange a religião, a velocidade com

¹ De acordo com o IBGE a população brasileira se constitui em 64,6% de católicos, evangélicos somam 22,2%, sem religião declarada somam pouco mais de 9%. Conforme: <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/o-ibge-e-a-religiao---cristaos-sao-868-do-brasil-catolicos-caem-para-646-evangelicos-ja-sao-222/> acesso em 4 de setembro de 2015 às 20:44.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

que as mudanças ocorrem e a facilidade com que as notícias se propagam “Grupos religiosos locais e regionais são hoje afetados por forças sociais e políticas que podem estar atuando bem longe” (CRAWFORD, 2005, p. 221). Neste sentido, em meio as tecnologias da informação, diferentes reações podem ser registradas dentro da sociedade em detrimento a diferentes assuntos que envolvem a questão religiosa, sobretudo por motivo das identidades, pois é através das identidades que construímos nossa visão de mundo, nossas opiniões, nossos valores.

Dia a dia somos interpelados por uma notícia de intolerância religiosa. A diversidade religiosa está presente no nosso cotidiano, saber dialogar com as diferenças é essencial para um bom convívio entre os nossos semelhantes, pois como diria Crawford (2005) muitos mal-entendidos poderiam ser evitados se conhecêssemos a crença do nosso próximo.

Diante de tudo isto, podemos compreender que a religião representa um importante aspecto, com influências sociais, políticas e quiçá econômicas. O Papa Francisco I diretamente do Vaticano dá um pronunciamento sobre o divórcio, isso vai gerar mudanças nas vidas de pessoas católicas em todo o mundo. Um exemplo muito interessante nos é dado por Bellotti (2011), onde a autora cita que um órgão como a CNBB, que apresenta uma postura condenatória quanto ao uso de preservativos, mas, existe um grupo de mulheres que desrespeitam essa ordem, o grupo: Católicas pelos Direito de Decidir, que são a favor do uso do preservativo bem como do planejamento familiar, ou seja, independente das ordens da cúpula católica, tais mulheres tem a liberdade de escolha sem que com isso tenham sua crença abalada ou prejudicada.

Partindo desta reflexão podemos pensar o papel da religião enquanto definidora de identidade(s). Uma vez que a religião consiste em um conjunto de crenças e de práticas, isso quer dizer que ela envolve um processo de crenças coletivas e individuais, as crenças, os dogmas e as doutrinas são mantidos pelas instituições oficiais, podendo ser repensadas, retrabalhadas pelas pessoas no seu cotidiano a partir de suas apropriações particulares da doutrina oficial (BELLOTTI, 2011).

Esta possibilidade de repensar e retrabalhar as crenças através de uma apropriação cotidiana se dá de maneira muito diversa, existem diferentes grupos de uma mesma religião,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

todos eles partilham uma crença em comum, no entanto, vivenciam sua crença de um modo particular. Isso é possível, porque como afirma Stuart Hall (2006) com a modernidade as identidades se tornaram “movéis”, não há apenas uma identidade fixa, existem várias identidades, cambiantes e não-resolvidas em constante movimento.

A cultura para esse autor tem uma centralidade na modernidade, pois, segundo esse teórico, as culturas são definidoras de identidades, fazendo parte do contexto social, ela tem uma importante contribuição na definição dos papéis sociais. Neste sentido as identidades não são definidas biologicamente, mas sim historicamente, não se nasce judeu, nem cristão, muito menos mulçumano, assim como não se nasce homem e nem mulher, mas aprende-se a ser.

Num mundo em que uma miríade de religiões e culturas “circulam” a todo o momento somos confrontados e interpelados por diversas identidades, pois no “mercado cultural” as identidades se oferecem para os indivíduos como produtos numa prateleira de um supermercado. Como nos ensina Hall:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis (2006, p. 13).

É a cultura enquanto definidora de identidades que confere sentido as relações sociais e as subjetividades. Partindo do viés religioso, podemos perceber que é através do espaço de pertencimento religioso que as mulheres constroem as suas identidades de maneira diferente, enquanto para a católica ser mulher significa ser mãe, com isso associando imediatamente a figura de Maria e o seu sofrimento com Jesus, para a Testemunha de Jeová é ser o braço forte de Jeová e ir á campo para levar a sua palavra.

As práticas também conferem sentido as identidades culturais e por sua vez é determinante para os papéis sociais que os sujeitos desempenham no seu cotidiano. O historiador Michel de Certeau (2011) analisou as práticas enquanto definidora de identidades, em seu estudo sobre a Reforma Protestante, percebe que aquilo que contribuiu para estabelecer a diferença entre católicos e protestantes eram as suas práticas, não era apenas necessário *crer*, mas era preciso também *dizer* publicamente sua fé, para este autor:



Tudo se concentra nas práticas. Através delas um grupo provoca sua coesão. Nelas se encontram sua âncora e sua diferença com relação a outras unidades sociais – religiosas ou não. (2011, p. 172-173).

No seu cotidiano essas mulheres definem seus papéis e suas identidades através do referencial que tem nas religiões, elas vivenciam a religião de diferentes modos em seu cotidiano. Um sinal desta diversidade de identidades e identificações possíveis é que algumas das mulheres entrevistadas passaram por diversas religiões antes de “encontrarem” na religião em que se identificassem.

O mundo moderno é caracterizado por essa diversidade de culturas e religiões, a educação apresenta um papel primordial de criar uma cultura de tolerância, ensinando o respeito a diversidade. Numa sala de aula convergem alunos de diversos pertencimentos religiosos, desde cedo os educadores precisam despertar essa consciência na educação.

Assim, cabe-se destacar a explanação feita por Eliane Silva (2010), em que ressalta a importância de se estudar o fenômeno religioso através do viés histórico voltado para a educação. Diante destes dados sobre a religião:

Impõe-se a necessidade de compreender o outro atrás de seus véus e templos, rituais e orações. Entender aspectos e a originalidade das religiões, as formas de mobilização e como se situam no tempo e no espaço, é tarefa urgente dos professores e educadores preocupados com a tolerância fundamental para o respeito entre pessoas e memória histórica. Estudar os fenômenos religiosos em favor da Pedagogia, integrando-os aos novos programas escolares. (SILVA, 2010, p. 206).

Portanto, as religiões são um importante aspecto a serem analisados pela escola, dialogar com os saberes advindos da experiência cotidiana de mulheres que vivenciam a experiência religiosa é essencial para esse processo educativo. Mulheres estas que vivenciaram o preconceito e as dificuldades de pertencer a uma religião, e mais ainda de serem mulheres, destarte, ressaltamos assim a importância desse diálogo.

Reflexões em torno da prática religiosa de mulheres

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa podemos perceber a importância do fenômeno religioso na vida destas mulheres, cada uma delas ao seu modo e dentro do seu espaço de pertencimento religioso tiveram suas vidas transformadas para melhor, seja no



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

espiritismo, catolicismo, protestantismo ou no candomblé. Todas elas se sentem bem na sua religião, e, além disso, todas elas, na sua casa ou no lugar onde vão prestar culto, estão educando. Todas as mulheres entrevistadas, colaboradoras desta pesquisa, revelaram-nos que pregam o amor e o respeito ao credo do próximo, pois, foi isto que elas aprenderam no seu espaço de pertencimento religioso.

Foram feitas sete entrevistas ao longo da pesquisa, reunindo cinco diferentes espaços de religiosidade, dentre os quais as colaboradoras foram duas católicas, sendo um rezadeira, uma mulher espírita, duas mulheres dos Santos dos Últimos Dias, uma testemunha de Jeová e uma Iyalorixá, em que a mesma era também Juremeira.

Diante das múltiplas narrativas das quais tomamos conhecimento na pesquisa, na sua grande maioria, estas mulheres ingressaram na religião por passarem por um problema pessoal (problemas de saúde, condições financeiras, problemas de ordem espiritual), todas elas passaram a levar uma vida melhor através da religião. Das narrativas que mais nos chamaram atenção destacamos algumas:

E o café tava fervendo e a chaleira que era de ferro né (?) ai queimou meu pé, ai veio a mulé me rezar, virou uma pipoca o pé todinho, de noite eu não pude dormir. A noite todinha chorando! Ai a mulé veio me rezar, ai eu aprendi. Sempre tinha gente rezador, as véinha rezava, ai eu via. (Senhora Judite, católica e rezadeira – Entrevista concedida ao autor em 28/06/2015).

A senhora Judite após um incidente quando criança aprende o ofício da reza e contribui para ajudar as pessoas na comunidade rural em que vive, oferecendo suas práticas de reza para benzer, curar e talhar os males físicos ou espirituais do próximo.

eu acordava gritando ele [o pai] vinha, ele mesmo sempre aplicava o passe e dizia: olhe, você tem que frequentar o centro espírita, você tem faculdades mediúnicas, é de nascimento mesmo. Você não pode fazer isso, se não você termina louca Marlene, você não pode não, de jeito nenhum. (Senhora Marlene, espírita e médium – Entrevista concedida ao autor em 14/09/2014).

A senhora Marlene enquanto jovem ao passar por alguns problemas de saúde recebe indicações de seu pai e de outras pessoas do meio espírita para começar a frequentar os centros, pois a raiz do seu mal de saúde eram os seus dons mediúnicos aflorando. Ao aceitar seus dons, a senhora Marlene passa a se sentir melhor e vê sua saúde e sua vida melhorarem.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Hoje, ela atende pessoas no centro espírita, ela é médium e aplica passes nas pessoas que vão à sua procura para amenizar algum mal, físico ou espiritual.

Percebemos o papel crucial que a religião desempenha na vida destas mulheres, a crença em seres sobrenaturais atribui um sentido para suas vidas, um devir, e dão apoio na sua vida cotidiana, auxiliando na educação do lar e dos seus lugares de culto. Ao ingressarem na religião tais mulheres puderam perceber mudanças positivas em suas vidas e os problemas aos quais elas procuraram superar foram vencidos através do contexto religioso.

Urge a grande necessidade de professores que estejam atentos para a discussão em torno da diversidade religiosa, é um debate cada vez mais presente no dia-a-dia e que deve estar presente no cotidiano escolar. A partir das narrativas de vida das mulheres colaboradoras da pesquisa percebemos a importância que os saberes religiosos tiveram em suas vidas, seja no sentido espiritual, como no sentido educacional, pois a religião se propõe como um saber educativo voltado para a transformação dos indivíduos e da sociedade por meios pacíficos. (CRAWFORD, 2005).

Todas essas mulheres em suas práticas culturais estão desenvolvendo um trabalho social, um trabalho educativo. Além de ensinar o respeito ao próximo, estas mulheres estão em seu cotidiano ajudando as pessoas, numa espécie de terapia espiritual com efeitos no mundo material, cujos resultados têm ajudando de alguma forma outras pessoas.

Uma questão central foi formulada dentro da pesquisa no que se refere ao respeito pela diversidade religiosa, todas as mulheres colaboradoras responderam a pergunta “*Alguma vez a senhora já sofreu algum tipo de preconceito por pertencer a esta religião?*” As mulheres foram enfáticas ao responder que, na sua maioria sofreram algum tipo de preconceito ao longo de sua trajetória dentro daquela religião, e num contexto mais específico, destacamos a seguinte resposta:

Na verdade são incontáveis [os preconceitos]. Mas o mais grave foi a quinze anos atrás, quando eu vim morar nesta casa, aliás neste local, que não era essa casa, era uma casebrezinho bem pequenininho. E na primeira reunião que eu fiz no local a casa foi apedrejada, e não foi uma nem duas pedras, nem pedrinhas, nem pedregulhos, foram paralelepípedos mesmo, tanto que chegou a atingir pessoas e quebrou um dos meus altares, e eu continuei. (relato da Senhora Maria Goretti, Juremeira e Iyalorixá, entrevista realizada em 2 de setembro de 2015).



Em meio ao preconceito estas mulheres encontraram uma saída para seguir em frente, ajudando pessoas, educando. Na sua maioria, acreditam que a educação se apresenta como uma solução e um meio para transformar a mentalidade da sociedade, e observam que sozinha nenhuma religião poderá mudar esse panorama de intolerância e preconceito para dessa maneira poder possibilitar uma transformação social.

Mesmo dentro de todas as dificuldades e enfrentado preconceito, seja por sua religião, mas também por serem mulheres, e por isto sujeitadas às violências – física, verbal ou simbólica – de um pensamento machista, construído por uma cultura patriarcal, tendo em vista que todas estas mulheres estão educando e se propondo no seu cotidiano a construir relações que sejam mais respeitadas com a diversidade. No seu cotidiano elas educam, falam sobre o respeito e amor ao próximo, dialogar com estes saberes na sala de aula é imprescindível para um saber voltado para a diversidade.

Considerações finais

Vivemos em um mundo multicultural e diverso, em que se faz cada vez mais necessária uma discussão no campo educacional de saberes advindos da experiência religiosa para construirmos uma ferramenta para a sala de aula em que seja possível dialogar e respeitar as diferenças.

Concordamos com a ideia de que, a formação educacional pode ser feita a partir do diálogo com saberes que são produzidos fora do contexto escolar e integrados a escola, através de debates e discussões que privilegiem a cultura e a diversidade. Dialogar com os saberes produzidos por estas mulheres a partir da sua experiência cotidiana é de fundamental importância para desenvolver uma ferramenta para o processo educacional.

Precisamos, enquanto docentes formados e em formação, realizar um trabalho integrando os saberes escolares e os saberes da prática cotidiana para romper as barreiras que compõem as “caixinhas” que existem na cabeça dos alunos, de modo que se torne possível construir novos olhares sobre problemas antigos e construir novas visões e novos valores sobre a diversidade cultural e religiosa.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Referências Bibliográficas

BELLOTTI, Karina Kosicki. **História das Religiões: Conceitos e debates na era contemporânea.** História: questões & debates, Curitiba, n. 55, p. 13-42, jul./dez. 2011. Editora UFPR.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história;** tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica Arno Vogel. – 3. ed. – Rio de Janeiro: Forense, 2011.

CRAWFORD, Robert. **O que é religião.** Tradução Gentil Avelino Titton. Petrópolis: Vozes, 2005.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades.** 2. ed .Belo Horizonte: Editora autêntica, 2010.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SILVA, Eliane Moura da. **Estudos de religião para um novo milênio.** In: KARNAL, Leandro. (org.). História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. – 6. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2010.

SILVA, Jailson de; GOMES, Eunice Simões Lins. **A dimensão do Sagrado no contexto pós-moderno.** In: GNERRE, Maria Lúcia Abaurre (org.). História das religiões: temas e reflexões. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2012.